

Rio de Janeiro, 10 de abril de 1982.

Sr. Editor

A matéria recentemente publicada nesta revista (5/5/82), sob o título "Índios no open - os gaviões multiplcam seu capital" interpreta de forma muito equivocada o processo de transformação que se impôs aos índios Gaviões, em decorrência do desenvolvimento acelerado e descompassado que se verifica na região sul do Pará, on de vivem.

A bem da informação íntegra e correta, conviria esclarecer, em primeiro lugar, que "as duas fortunas consecutivas ganhas às custas do homem branco (o grifo é meu) custaram aos Gaviões a perda de valiosas porções de seu território, pois foram forçados a cedê-las ao "homem branco", para o "desenvolvimento" da Amazônia. Estas "fortunas" foram o resultado de alguns anos de árduas negociações entre o grupo tribal e o Estado brasileiro, através de representantes da ELETRONORTE, para a passagem da linha de transmissão por cima das roças e da aldeia - o que obrigou os Gaviões a construírem outra - e depois com a Companhia Vale do Rio Doce, para a construção da ferrovia Carajás-Itaqui. Ressalta-se aqui o fato de que aos Gaviões nunca foram dadas quaisquer opções: sempre era "tarde demais". Rodovias, hidrelétricas, projetos de mineração, agropecuários, etc., todos os planos traçados para a porção oriental da Amazônia Legal não são recentes e, no entanto, nunca se fez nada no sentido de preservar a integridade dos territórios tribais ali existentes. E os Gaviões estão sendo as cobaias deste processo.

Esta revista parece atribuir aos índios uma esperteza digna de um "civilizado" - a "manobra" pela qual os Gaviões teriam conseguido, da CVRD, 3 milhões de cruzeiros "adicionais". No entanto, deixa de informar ao leitor que os índios foram sucessivamente ludibriados por seu tutor legal - a FUNAI - e pressionados para que aceitassem condições de indenização que até um "selvagem" é capaz de perceber serem insatisfatórias. Refiro-me às negociações com a ELETRONORTE para a passagem da linha de transmissão pelo território indígena. Talvez porisso, no caso da ferrovia ora em questão, os Gaviões tenham dispensado a mediação do ór-

gão tutelar. Parece-me pouco verossímil que, mesmo com sua capacidade de resistência e conhecimento do "homem branco", algum índio Gavião seja capaz de levar vantagem sobre a CVRD e sua equipe jurídica... Deve-se ressaltar ainda a ausência de qualquer acompanhamento deste processo de indenização, por técnicos ou conhecedores do grupo indígena que lhe desse a indispensável assessoria.

Registre-se ainda o caráter especulativo e de duvidosas intenções da matéria, ao informar sobre as modalidades de aplicação de capital empreendidas pelos Gaviões, bem como seus rendimentos resultantes. O fato da "chegada do capitalismo" no sul do Pará - este sim, selvagem - ter levado a profundas modificações na vida daquele grupo indígena indica a irreversibilidade de um processo que os Gaviões vêm enfrentando sozinhos há cerca de pouco mais de uma década. E é como se o Estado - legalmente seu protetor - e o "homem branco" os provocasse, sempre: "E agora? Vamos ver como vocês, Gaviões, sobreviverão".

Finalmente, que a eles fosse dada a palavra sobre estas questões, evitando assim interpretações tendenciosas, num momento decisivo da história dos índios Gaviões do Pará.

*Iara Ferraz*

Iara Ferraz  
antropóloga